



4

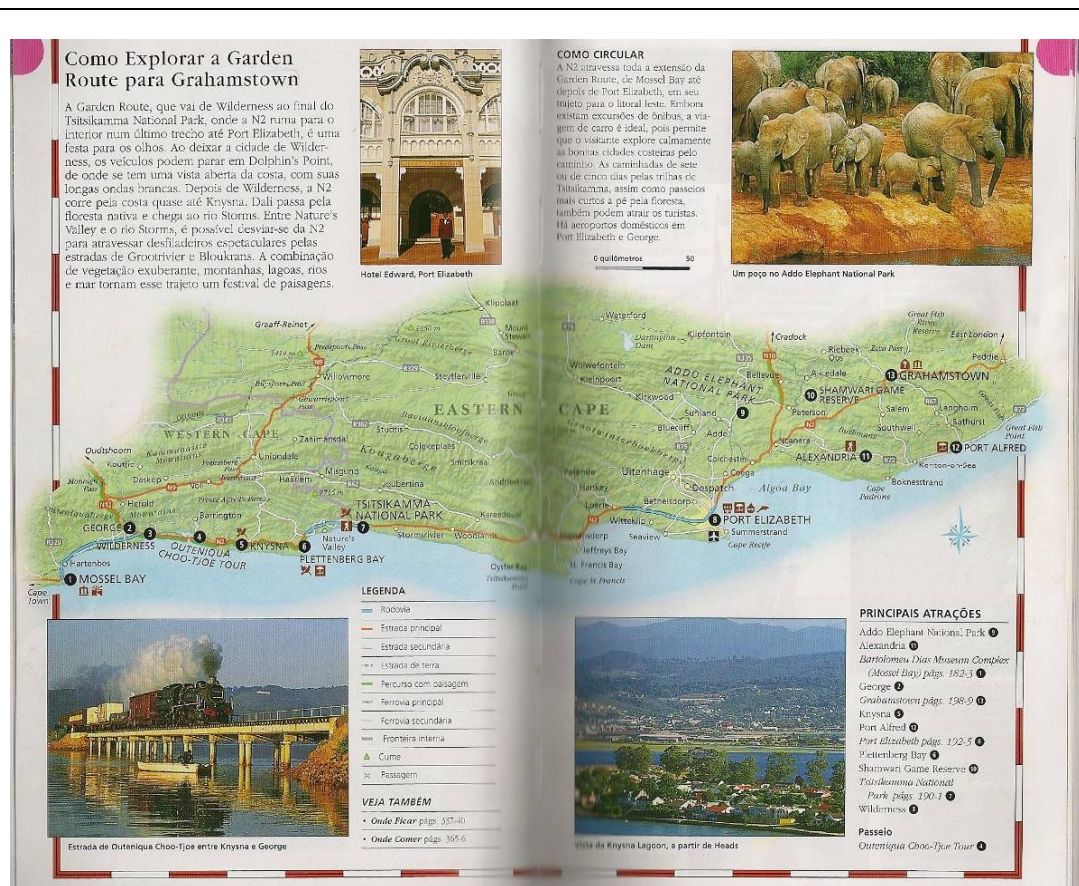
Pela Route Garden à oeste

A Route Garden no sentido oeste, ao se sair de Port Elizabeth, segue em direção à Cidade do Cabo. Neste trecho mais longo, foi possível observar a diversidade que marca essa via, tanto do ponto de vista natural, como em relação aos tipos de ocupação, de arquitetura e a tantos outros aspectos.

De cara, chamou minha atenção o número de parques e de reservas. Pelo que entendi, os parques são estatais e, portanto, correspondem a terras públicas, enquanto as reservas são particulares e, assim, propriedades privadas. Isso é apenas uma impressão, é preciso verificar depois em alguma bibliografia sobre o tema. Nos dois casos, o interesse maior é o de preservação e controle sobre as formas de apropriação do patrimônio natural e isso, na África do Sul, implica fortemente em criar condições para a sobrevivência e reprodução da fauna. Imagino que as iniciativas de delimitação de reservas, por iniciativa particular, gozem de algum benefício tributário, mas isso é apenas suposição. O fato é que, no caso dessas reservas, do ponto de vista econômico, a exploração para o turismo tem sido a base econômica de manutenção desses grandes espaços. Alguns são destinados aos safáris, outros mais especificamente aos esportes do tipo ciclismo, caminhadas pela montanha ou pela floresta, outros ainda são utilizados para o que se vem se denominando como turismo de aventuras, há os que têm campos de golfe etc. Muitos deles misturam todas essas coisas, ao mesmo tempo, pelo que se vê nos ícones das placas que estão ao longo da estrada, tanto as oficiais, que indicam as áreas de preservação, sob a forma de parques ou reservas (que já estão em marrom obedecendo as mesmas convenções que temos na Europa – não consigo me lembrar se nos EUA ou México já adotaram essa simbologia), como nos *out doors* que convidam os viajantes a

entrar e usufruir dos serviços disponíveis nessas reservas. A maior parte delas tem hospedagem, desde acampamentos (como vi indicado no guia para os parques) até *guest houses* e hotéis de grande porte nas reservas.

Ao longo deste trecho, alguns enormes parques chamam atenção e algumas dezenas de reservas e propriedades se entremeiam a eles. Os mais importantes no trecho percorrido por nós, na Garden Route, são: Tsitsikamma National Park, Addo Elephant National Park, Shamwari Game Reserve, Alexandria State Forest, The Hoop Nature Reserve.



Acima, um mapa ilustrativo de parte da Route Garden

Antes de chegar ao nosso destino, no nosso quinto dia de viagem, passamos por dois balneários dessa Costa Sul. Em Jeffrey's Bay, vimos uma área de segunda residência,

com residências e pequenos edifícios de padrão médio. Paramos num agradável café e restaurante, decorado com muita graça, com mesas de madeiras, todas elas com cadeiras absolutamente diferentes entre si e bonitas. Ele se associava a uma loja que era um misto de antiquário e vintage, havia de tudo por lá. O clima era extremamente agradável e se via que tanto o garçom, quanto o que suponho fosse a proprietária ou gerente eram de origem europeia, provavelmente imigrados há pouco tempo, valorizando a possibilidade de se viver um tempo lento. Nós havíamos pensado em apenas tomar um café, mas o ambiente era tão convidativo que aproveitamos para ficar ali, olhando o movimento da rua e fizemos um pequeno lanche.

Mais adiante, quisemos conhecer a Plettemberg Bay, conhecida como a “baía dos ricos”. O seu sítio urbano em acrópole sobre as falésias favorece maravilhosas vistas do mar.

Havia muita gente bem vestida, bronzada, com carros bonitos e com jeito de saúde (aquela saúde que os ricos exibem). Não se via propriamente uma riqueza ostensiva, desse tipo que muitas vezes encontramos no Brasil, porque todos caminhavam tranquilamente pelas ruas e o ar da cidade, naquele meio de tarde, parecia ser o que todos queriam usufruir. Aos poucos fomos percebendo que na África do Sul, a praia não tem exatamente o mesmo sentido que tem para nós. Suponho que, em função do vento, o mar seja muito mais para ser visto e apreciado, do que um espaço para os banhos. Durante todo o percurso da Garden Route, não vimos gente se banhando. Era frequente ver o pessoal caminhando, com essas roupas típicas de beira mar (calças e bermudas brancas e camisetas listadas de todos os estilos).

Havia muitos espaços elegantes em Plettemberg Bay. Boutiques, lojas de móveis e decoração, pequenos pubs. As calçadas eram bem feitas e entremeadas por *decks* madeira e floreiras. A rua principal ficava num nível topográfico mais alto em relação às duas ou três vias mais próximas ao mar e isso fazia com que as vistas de muitos

desses espaços, a partir de varandas possibilitassem ver-se, não muito ao longe, o mar.



Duas vistas de Plettemberg Bay. Acima, o Hotel edificado quase no mar, cujo controle ao acesso privatiza do direito àquela perspectiva do mar e, abaixo, a vista que se têm do alto das falésias, onde estão edificadas várias casas de alto padrão.



Nesse trecho da viagem, também conhecemos o Rio Storms, encaixado em vale profundo, como mostram as duas fotos a seguir.



Knysna

A chegada à Knysna (fala-se Quinaisna) Bay, no começo do entardecer, impressionou muito pelo grande número de negros que, saindo da cidade, andavam à beira da rodovia, em direção às áreas de moradia, que estavam ao longo da Rodovia N2, nesse trecho em que ela leva o apelido de Garden Route.

Ali havia assentamentos irregulares, como denotava a disposição desordenada e a falta de arruamento, justamente o que nós conceituaríamos no Brasil como favelas, e havia também o que pareceu resultar de programas habitacionais públicos, porque as casas eram todas iguais, muito pequenas e cobertas de zinco. O movimento era tal de veículos e de pessoas andando a pé, bem como as construções, por sua vez, chegavam até a rodovia, ocupando o que terá sido, talvez, acostamento, que era impossível parar o carro para fazer uma foto. Essa imagem de pobreza nos arrabaldes da cidade marcou ainda mais, depois de ter visto o quanto de riqueza e beleza paisagística e arquitetônica há em Knysna.

Tínhamos reserva para o Overmeer Hotel (uma guest house) para o dia seguinte, mas como adiantamos nosso roteiro previsto para ser feito de carro, chegamos já à noite (graças ao Manuel, nosso PGS, porque ela se localizava no alto de uma colina, com ruas tortuosas e várias pousadas elegantes) na expectativa de encontrar lugar já para aquele pernoite que antecedia o previsto. Não havia apartamento no preço (700 rands) que havíamos reservado pelo www.booking.com, mas a proprietária nos ofereceu para ficar numa acomodação mais cara aquela noite (980 rands) e permanecer nela, no dia seguinte, pagando o preço combinado. Aceitamos, mesmo antes de vermos o apartamento, porque o que menos queríamos àquela hora era sair procurando outro lugar. Valeu a pena, pois nosso quarto no segundo andar com varanda para a piscina, era enorme, confortável e bem decorado como toda a *guest house*.

É bom registrar que para são precisos 7 rands para se comprar um dólar. Pensando-se em reais, a relação era 1 por 3,5. No geral, o poder de compra é bastante semelhante ao do real, embora quando se trata dos restaurantes, consideramos o preço mais barato que no Brasil.



O que mais gostaria que ficasse nitidamente visível na foto acima (e infelizmente não está) é a adorno em madeira pendurado acima da cabeceira da cama, que revela uma arte bem primitiva

de alguma nação da África negra e se trata de uma coruja estilizada. Abaixo, a pequena sala que se acomodava adiante da cama, antevendo a varanda.



As fotos acima mostram o capricho da decoração da *guest house*, com peças de arte africana,

O dia seguinte passado todo em Knysna foi especial. Pela manhã, saímos de barco pela linda baía. Ao nos venderem o ingresso, eles faziam referência a um cruzeiro, mas o conforto e o charme estavam longe de sugerir o que nosso imaginário considera um cruzeiro.

O passeio todo foi ótimo, mas a aproximação da entrada da baía, muito estreita, foi especial. As ondas muito altas impediam que o barco continuasse adiante, apesar de ser uma embarcação de médio porte. O dia estava bonito e nos impressionou demais a força do vento. De fato, já começávamos a entender porque o sul da África é uma área que sempre impôs muitos desafios aos navegantes. O relevo movimentado, as praias pequenas e separadas por falésias compõem um conjunto mais bonito para se ver do que propriamente para se banhar. Apesar de ser verão, não nos ocorria que fosse interessante um banho de mar.



Acima, Eliseu no *waterfront*, antes de embarcarmos.



Dois registros fotográficos da “boca” da baía. Na foto superior, é possível observar algumas entre as dezenas de residências elegantes, que depois vimos, de perto, chegando até lá de carro.





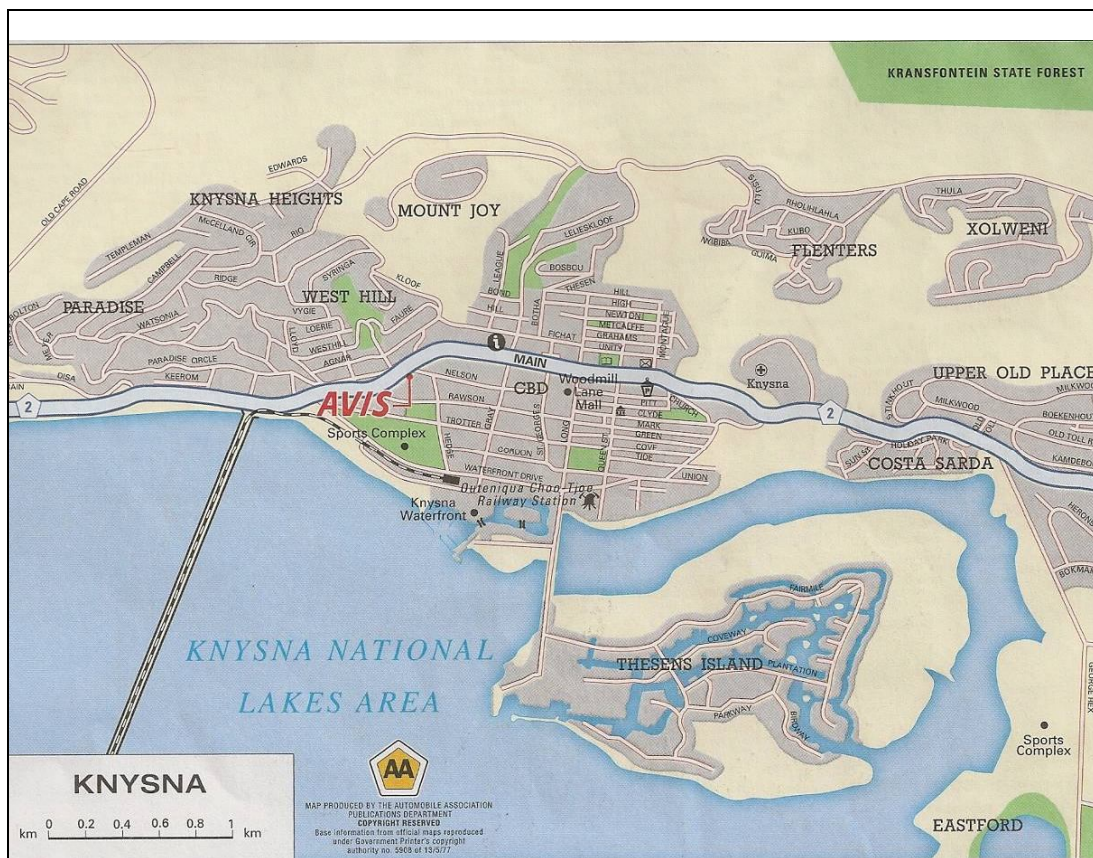
Acima e abaixo, temos a vista à esquerda de quem sai do *waterfront* em direção à “boca” da baía. Trata-se de um empreendimento construído numa pequena ilha que há na baía, ligada ao “continente” por um istmo artificial. É uma grande área residencial fechada, cujo acesso exige a apresentação na guarita. As ruas desse empreendimento dão para os “fundos” das casas, onde estão suas garagens e pequenos jardins, as frentes das residências e do hotel, que se avista nessa foto abaixo, dão para a baía e para seus canais.





Acima, vê-se um dos braços da baía para o qual as residências têm a vista frontal. Abaixo, as entradas de controle ao acesso a espaços de uso exclusivo, que tanto colocam em questão caráter público da vida urbana.





Na planta é possível observar a Thekens Island, onde estão os loteamentos fechados frente a frente ao Waterfront, onde há outras áreas residenciais fechadas, ao lado, das lojas e restaurantes que atendem aos turistas. Pode-se notar que o acesso por uma pequena linha de terra, que suponho tenha sido resultado de um aterro, torna a área ainda mais exclusiva, tanto do ponto de vista paisagístico quanto no que se refere aos controles de acesso e circulação. Cortando a planta da cidade aparece a Main 2, que é a Rodovia N2 que, neste trecho, atravessa a cidade e se constitui um das vias principais onde se concentra o comércio mais pesado. Ao lado do waterfront, já a estação de uma ferrovia, muito indicada no guia mas que, pelo que pudemos observar, estava naquele período sem funcionamento. A Costa Sarda que aparece á oeste, constitui-se o início da área de elevações que se estende ao longo da baía e que está totalmente ocupada por construções de alto padrão. A *guest house* onde nos hospedamos localizava-se na porção leste da planta, entre West Hill e Knysna Heights.



Essas duas fotos, também registradas a partir do barco, mostram a ocupação no lado oposto da baía, tomando-se como referência aquele onde estão o empreendimento residencial fechado e as mansões no alto. Apesar de se observar que nessa face já há mansões como a da foto acima, toda esta lateral da baía ainda está pouco ocupada por empreendimentos imobiliários e há uma reserva natural, que só pode ser cortada a pé para se chegar à ponta direita do estreito que se constitui a entrada da baía.



Entre os passageiros do barco, dois pequenos grupos me chamaram atenção. Numa mesa do bar próxima àquela onde estávamos acomodados, havia um jovem casal (talvez na faixa entre 25 e 30 anos) com duas lindas meninas muito loiras que pousavam para as fotos que o pai registrava, a todo momento. A mãe, já perto dos seus 75 a 80 quilos usava um vestido de verão, mas sem o *lingerie* adequado a ele, deixando à mostra seu soutien cor de vinho e suas gorduras branquinhas abaixo dos braços. Ela tomou, que eu tenha visto, 3 garrafas de cerveja de 500 ml cada uma, o que deixavam suas bochechas mais vermelhas ainda. Pouco passava das 11h da manhã e ela bebia tranquilamente, sem se aborrecer com o corre-corre das meninas, enquanto deglutia um enorme prato de batatas fritas. Os cabelos muito lisos estavam despenteados (não me pergunte como alguém com cabelos muito lisos pode ficar totalmente despenteada) e sua aparência era de total desleixo, mas ela parecia muito bem com a vida, enquanto seu marido falava ao celular sem parar, ao mesmo tempo, que dava alguma atenção às duas lindas meninas.

Um aspecto que chamou muita atenção, até este ponto da viagem, é que, nesses ambientes de turismo, as mulheres com quem cruzamos e que eram da África do Sul (era fácil reconhecer porque ou falavam muito mal o inglês ou conversavam em africâner) não eram bonitas: a maioria muito acima do peso, pouco elegantes, com seios muito grandes (herança holandesa) e tornozelos grossos. No entanto, todas têm aquelas faces que parecem esbanjar saúde, sempre super rosadas.

Um segundo grupo, estava fora do bar, num reduzido espaço restante fora dos vidros que desempenhava o papel de uma varanda da embarcação (acho que devia ser assim para obrigar todos a ficarem consumindo alguma coisa do lado de dentro). Eram dois homens e três mulheres e estavam todos eufóricos em férias. As roupas femininas, na África do Sul, no verão, lembraram-me bastante o estilo das européias nessa estação – todo mundo de saia ou vestido, predominando os tons de cor de rosa (o que ficava super pálido perto das pernas e braços brancos) e calçados, que nem sempre são propriamente para serem usados com vestidos e saias, como predominância para os tênis.

Bem, de todo o grupo a mais alegre era uma moça que devia ter perto de 40 anos e assim que ficou em pé, começou a ter a saia levantada pelo vento. Ela tentava segurar, mas era impossível, porque naquela baía o vento era forte mesmo, Ela desistiu em pouco tempo e parece ter se sentido plenamente em férias, quando deixou de se preocupar com isso, nos deixando à mostra, a cada 2 minutos, em que nova rajada entrava no barco, sua calcinha preta (a saia era branca)!!!!!!! Fiquei imaginando essa moça em seu lugar de residência e trabalho e supus que fosse comportada e disciplinada, mas em férias, onde ninguém nos conhece tudo é permitido,,,, e assim deve ser mesmo.

Ao deixarmos o barco, Eliseu logo se animou a percorrer de carro todos os caminhos que havíamos avistado, nos morros que circundam a baía, enquanto estávamos na embarcação. Realmente alugar um carro é ótimo, nessas viagens, porque se não fosse a BMW e o Manuel teríamos permanecido, como a maior parte dos turistas, no pequeno cais, chamado de Waterfront, de onde saíam os barcos e havia cafés, um restaurante e algumas lojinhas simpáticas. Lá compramos três peças, uma máscara que é justamente a que está na primeira página deste diário , uma mulher em cerâmica para pendurar na parede e um pequeno elefante para a coleção de pequenos elefantes da minha mãe – desculpem a repetição.

O passeio de carro foi sensacional e nos possibilitou ver como há gente com dinheiro em Knysna. Circulando, pelas ruas pelas quais passávamos, havia brancos de carro e, a pé, negros indo e vindo do trabalho (domésticas, jardineiros e guardadores de carro, tipo de profissional esse que havia por todo lado, fazendo lembrar bastante o Brasil). Não havíamos visto até, então, nem mesmo em Port Elizabeth que é uma cidade maior, transporte coletivo e concluímos que todos brancos (e uns poucos negros) ricos e de classe média têm carro próprio e todos os negros pobres andam a pé. Calculamos que, para se deslocar desses bairros ricos até os arrabaldes pobres da cidade, que avistamos quando chegamos, eles deveriam fazer, no mínimo 5 km. Evidentemente, que essa observação é uma impressão sem maior fundamento. Suponho que deva haver algum transporte público, que não vimos, porque

circulamos por áreas turísticas e pelos bairros ricos em Knysna, mas de todo jeito era impressionante ver o número de homens e mulheres que andavam a pé pelas ruas, nos horários de entrada e saída do trabalho.

As casas, ao longo das vias que cortavam essas elevações (não sei se o certo é chamá-las de colinas ou montanhas) que circundam a baía, eram realmente deslumbrantes. Havia de todo estilo arquitetônico e a maioria era de muito bom gosto. O impressionante eram as vistas que se desfrutava lá de cima, tanto as que se voltavam à baía, como as obtidas mais no alto ainda, de onde se podia ver o mar aberto, com ondas altíssimas, o que dava para entender porque Bartolomeu Dias demorou tanto para atravessar o sul da África. De fato, o que se vê é um mar bravo e o nome de Cabo das Tormentas faz todo sentido.

A cada parada em que se indicava uma área de estacionamento e o acesso a um *point de vue* para o mar, havia um sorridente negro disposto a guardar o seu carro. Como no Brasil, aqui na África do Sul, os flanelinhas, como os chamam os cariocas, são uma instituição nacional. Estão por toda parte e, segundo o descrito no guia, tal como em nosso país, não se deve correr o risco de negar a gorjeta, porque não se sabe o que eles poderão fazer com o carro (riscar a pintura, furar um pneu....).

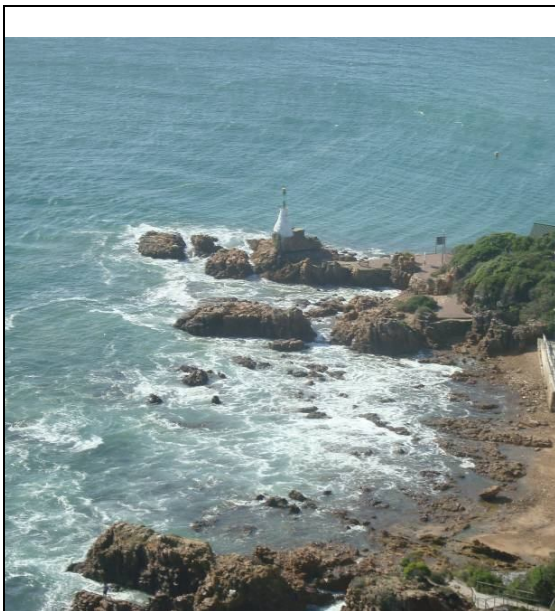
O que chamou muito minha atenção, em Knysna, em relação aos arranjos urbanísticos adotados aqui na África do Sul é que se parecem com os brasileiros em alguns pontos de vista, mas são distintos em outros. Para falar de uma identidade e de uma diferença, faço referência à ocorrência freqüente de áreas residenciais fechadas (sobre as quais não sei se o regime de propriedade é condominial ou não), com guaritas, sistemas de controle ao acesso etc, convivendo com áreas públicas de acesso livre nessas áreas melhor localizadas. Por exemplo, nesse completo denominado de Waterfront há loteamentos fechados, lado a lado a espaços bem organizados, com bancos e estrutura para pescadores, de acesso livre e freqüentado por todo tipo de gente, ou seja, dos turistas aos locais, dos mais abastados aos mais pobres (nos horários de saída do trabalho, vimos jovens negros, sentados ao chão

desfrutando sua coca-cola). Do mesmo modo, nesses bairros ricos de Knysna, onde estão essas casas cinematográficas, há vários cantos com bancos para piquenique de onde se pode desfrutar (tanto quanto das maravilhosas varandas) as lindas vistas da baía.



Acima vistas da baía, registradas da terra firme e nós almoçando uma salada e uma omelete, num pequeno restaurante cuja varanda fica em posição favorável para fazer justamente essas fotos. Abaixo e na página seguinte, mais tomadas dessa linda baía de Knysna.





Acima, à esquerda uma das vistas, entre as registradas próximas às casas elegantes que estão no alto do morro e, à direita, a placa da *guest house* seis estrelas que ali se localizava.

Já havíamos tentado almoçar no Restaurante Pembreys muito recomendado pelo guia, mas ele estava fechado no almoço, quando lá chegamos e pudemos ver a decoração agradável e o perfume que exalava da cozinha, onde, supusemos, já se iniciara o preparo do jantar. Arrumamo-nos bem bonitinhos para o jantar e lá chegando às 20h30, já não havia mesa disponível e a vestuta proprietária (que era européia, segundo indicado no guia e, colocando nosso imaginário para funcionar, pareceu-nos alemã) disse que não poderia mais atender naquela noite. Nem nos deixou sugerir ou balbuciar que poderíamos esperar por uma mesa (era possível observar que todos estavam terminando a refeição, alguns já estavam na sobremesa).

Perambulamos por quase uma hora buscando novo restaurante naquele setor que circundava a baía, oposto ao que havíamos conhecido durante o dia de carro, sem sucesso. Voltamos rapidamente para o Waterfront, onde se localizava um restaurante que, ainda bem, estava aberto e animado às 21h (quando saíamos às 22h15 ele já estava se preparando para terminar os serviços do dia).

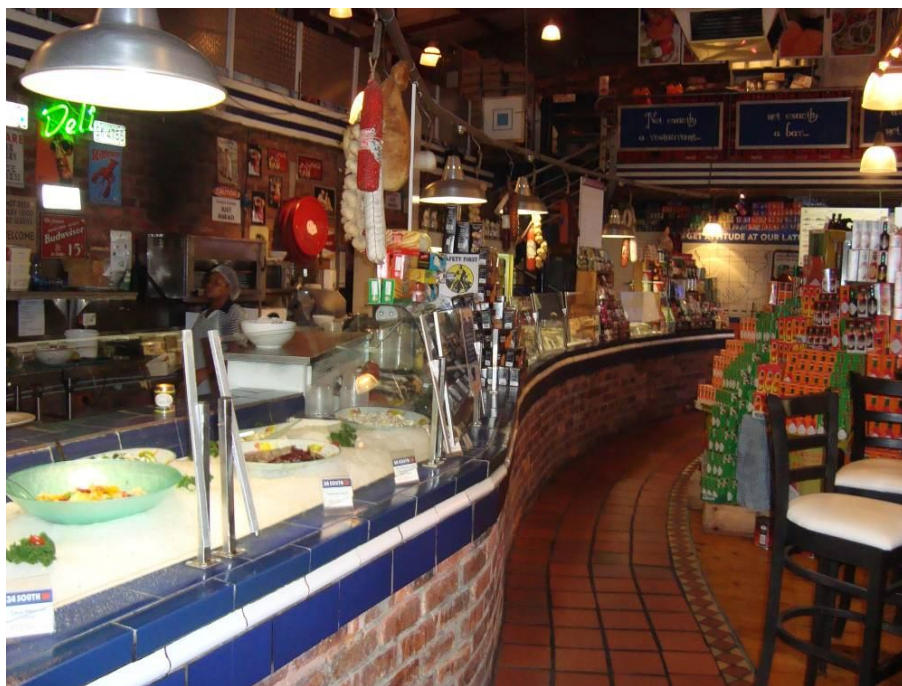
O 34 Degrees South (o nome do restaurante indica sua latitude) merece referência, pois é uma bagunçada e eficiente mistura de bar, café, restaurante, armazém e exposição de coleções do proprietário, tudo se mesclando, numa enorme construção, com o pé direito alto, sobre o deck que avança naquele ponto da Baía de Knysna, aonde na mesma manhã viemos pegar nosso “cruzeiro”.

Havia no 34 Degrees South um balcão próprio para comida japonesa e um canto no qual se preparava na hora os sushis, sashimis e que tais. Havia outro balcão onde se podia servir de diferentes tipos de saladas (desde as preparadas com camarão, passando pelas que tinham queijos ou apenas verduras e vegetais). Havia outro balcão, de onde saíam xícaras fumegantes com cafés, chás, capuccinos etc. Ao lado do ambiente onde estavam as mesas, cobertas com tolhas listadas e alegres, havia um conjunto de estantes, nas quais havia de tudo para ser comprado – camisetas listadas em homenagem ao ambiente marinho que predomina na baía, combinando com as embarcações elegantes que estão ali atracadas; sapatos e sandálias de todo tipo

(inclusive as da marca Ipanema, que são do Brasil e imitam as legítimas Havaianas); *souvenirs* de todas as espécies; doces e chocolates; pãezinhos empacotados; brinquedos etc.

No mezanino, estava o melhor! Uma loja de vinhos de todo tipo (inclusive *champagne*) com inúmeras vitrines onde se expunham carrinhos miniaturas de todos os gêneros – da marca Volkswagen havia, segundo o quadrinho explicava, 900 miniaturas de kombis a fusquinhas..... Havia ainda um estante só de miniaturas de ambulâncias e de carro de polícia, outra com carros esportes, a das Ferrari etc.... Nas paredes, embaixo, outras coleções, como uma de relógios.

Enfim, nesse lugar, pluralíssimo, Eliseu comeu comida japonesa e eu uma pequena paella (achei pequena quando vi a pequena tigelinha branca na qual ela me foi servida, mas de fato tinha muitos frutos do mar, apesar de nenhum camarão, e estava bem temperada, o que dava aquela sensação boa, que sentimos quando estamos bem alimentados, depois de um tempinho procurando por um restaurante morrendo, quando estamos morrendo de fome).



Na página anterior, um dos balcões do 34 Degrees South. Abaixo o balcão para a comida japonesa e, ao final, uma vista da fachada do restaurante registrada no dia seguinte.



Mossel Bay

Na manhã do outro dia, fizemos o trecho da Garden Route, entre Knysna e Swellendam. Visitamos, em Mossel Bay, o Bartolomeu Dias Museum Complex, em homenagem ao navegador português que não chegou às Índias (quem chegou foi Vasco da Gama), mas conseguiu dobrar o Cabo das Tormentas, o que justificou passar a chamá-lo de Cabo da Boa Esperança.

Nesta viagem, feita no finalzinho do século XV, Bartolomeu Dias chegara até a Mossel Bay, para poder abastecer as caravelas de água, antes de voltar a Portugal, já que, no Cabo, as águas tormentosas não facilitavam o atracamento (ih, será que existe essa palavra?) da pequena esquadra.

O museu é interessante pela presença de uma réplica da nau que até ali havia chegado muitíssimo antes. Essa réplica foi construída, em Portugal, em 1987, e veio navegando, até a Mossel Bay, quando foi inaugurado o museu, com direito a um teatro, em que se representou a cena de cinco séculos antes, como pudemos ver pelas fotos expostas nas paredes.

Vendo agora a réplica da caravela, ficamos pensando como ela era, relativamente, pequena e frágil, diante do mar bravo que avistávamos lá fora e, é claro, concluímos que esses navegantes portugueses eram mesmo muito corajosos. O mapa exposto no museu, mostrando o que era a extensão dos domínios portugueses no século XVI, leva qualquer um a indagar como Portugal perdeu o bonde da história e não foi capaz de avançar do Mercantilismo para o Capitalismo Industrial, tornando-se um país relativamente sem importância na União Europeia atual.



Acima, a réplica da nau portuguesa, que agora está no museu e cruzou o Atlântico desde Portugal até a Mosel Bay.

No mapa ilustrativo da p. 65, pode-se notar a localização dessa baía à oeste da representação cartográfica e se nota que ela também compõe um cabo que avança em direção ao mar. No entanto, a posição mais protegida da baía ajuda a entender porque as caravelas portuguesas tiveram que vir até esse ponto antes de volta na direção oeste, contornando a África para chegar a Portugal.



Nessa foto, a estátua em homenagem a Bartolomeu Dias que dobrou o cabo em 1488.